

DIRETORES
Antônio Carlos Coutinho Nogueira
José Bonifácio Coutinho Nogueira Filho

CONSELHO EDITORIAL
Antônio Carlos Coutinho Nogueira,
Ciro Porto, Ivan Sazima,
José Bonifácio Coutinho Nogueira Filho,
Liana John, Paulo Nogueira-Neto,
Sérgio Salvati, Suzana Machado Pádua

DIRETOR EDITORIAL
Ciro Porto

EDITORES EXECUTIVOS
Liana John
Valdemar Sibinelli

EDITORES
Luiz Figueiredo
Maraisa Ribeiro
Raul Dias Filho

EDITOR DE ARTE
Matheus Jeremias Fortunato

ARTE E PRODUÇÃO GRÁFICA
Matheus Jeremias Fortunato
Renato Munhoz

FOTOGRAFIA
Adriano Gambarini, Aginaldo Matos,
Carlos Alberto Coutinho, Du Zuppani,
Fábio Colombini, João Prudente,
Luciano Candisani, Palé Zuppani, Silvestre Silva

COLABORADORES DESTA EDIÇÃO
André Pessoa, Daniela Mattiaso,
Evaristo E. de Miranda, Giselda Person,
Juliana Santilli, Melina Castro

JORNALISTA RESPONSÁVEL
Ciro Porto (Mtb 20.414)

ADMINISTRAÇÃO E PUBLICIDADE
DIRETOR
Antônio Wellington da Costa Lopes

GESTÃO COMERCIAL E CIRCULAÇÃO
Regiane Eliza Bigon

DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO NO BRASIL
Fernando Chinaglia

IMPRESSÃO
Globo Cochrane

CAPA
Palé Zuppani
Espécie retratada:
Joaninha (*Harmonia axyridis*)

PARA ANUNCIAR
São Paulo: (19) 3776.6535
Minas Gerais e Espírito Santo:
(31) 2126.8066 ou 9131.8495
Rio de Janeiro e Amazonas:
(21) 2553.0737 ou 9962.0913
Brasília: (61) 321.9100 ou 9973.4304
Rio Grande do Sul:
(51) 3388.7712 ou 9113.6199
Paraná: (41) 3018.4272 ou 9901.1611
Santa Catarina: (48) 9121.4784
Email: regiane@terradagente.com.br



A revista Terra da Gente é uma publicação mensal da Empresa Regional de Comércio Eletrônico Ltda, uma empresa do Grupo EPTV

DEDO DE PROSA

LIANA JOHN



Saber escutar, aprender a ouvir

Uma orquestra produz música em lugar de um apanhado de ruídos quando o som de cada instrumento se encaixa no tempo e no todo. Quando, do primeiro violino ao último triângulo, todos obedecem ao ritmo ditado pelo maestro e contribuem com a parte que lhes cabe na construção do conjunto. O árduo trabalho de afinação, o cuidadoso arranjo das peças e a conversão disso tudo em harmonia pouco vale, no entanto, se a música não tiver um destino, se não for ouvida ou, pior, se o público apenas a escutar, mas não souber ouvir. Assistir a uma orquestra como a Filarmônica de Israel, sob a regência do maestro Zubin Mehta, em plena praça pública, numa bela noite de meia lua, apesar do frio, é certamente um privilégio. A maioria das 30 mil pessoas, presenteadas com as sinfonias de Beethoven e Dvóřak, em Campinas, SP, em agosto, soube ouvir com a alma.

Mas sempre tem alguns que não conseguem se conter, mesmo numa noite especial. E falam sem parar, alheios ao incômodo que causam ao seu redor e, acima de tudo, alheios ao que perdem com a tagarelice. Sem escutar nada a não ser o som de si mesmas.

Para os observadores da natureza, entrar numa trilha de mata é como sentar na platéia de um concerto. Às vezes, com um pouco de sorte, tem-se direito até à 'fila do gargarejo'. Mas é preciso estar em silêncio, é preciso escutar e saber ouvir. Nesse mês de setembro, em especial, a primavera oferece a sinfonia das cortes. É quando os animais chamam seus pares, ao amanhecer, ao entardecer, ao luar, um ou outro até mesmo em plena luz do dia.

As vozes das aves são as mais evidentes, como o numeroso e afinado naipe de violinos da Filarmônica. Elas cantam alto, demarcando territórios; fazem duetos vocais, dignos de óperas; improvisam variações, sem sair do tom. Obedecem ao ritmo ditado pela estação do ano,

'maestrina' do acasalamento.

Mas as aves não são as únicas estrelas. Rãs e pererecas entoam seus cantos em toda parte, sejam margens de grandes lagoas, sejam pequenas 'piscinas' entre as folhas de bromélias. Formam também suas orquestras, a seu modo harmônicas. E há os chamados de alguns mamíferos – a cantoria matinal dos bugiões, os guinchos dos sagüis, o poderoso esturro da onça pintada, o impressionante grito das preguiças, que só emitem som para atrair parceiros.

Para escutar todos eles, porém, é preciso pisar de leve, saber esperar, reconhecer e respeitar o 'artista' que se apresenta. E aprender a ouvir com a alma.

Estar em silêncio é um bom começo. Porém o silêncio ainda demanda muito treino a um bom número de 'ecoturistas' de fim-de-semana. Recentemente, no Sul do Pará, soubemos que uma vara de porcos catetos estava num barreiro, a uma curta distância de nossa pousada. Fomos lá para tentar fazer algumas fotos, na companhia de dois turistas, também munidos de câmeras, e animadíssimos com a possibilidade de levar uma recordação para casa. Entramos na trilha e logo soube que não daria certo. Nossos acompanhantes não sabiam escutar e pisavam como se todos os habitantes da floresta fossem surdos. O resultado não poderia ser outro: antes mesmo que conseguíssemos vislumbrar sequer a sombra dos catetos, todo o grupo já havia sumido. E olhe que essa espécie não é das mais sensíveis à presença humana, chegando mesmo a atacar ao invés de fugir.

Mais frustrante do que perder as fotos esperadas, no entanto, foi constatar que aqueles 'ecoturistas' nem sequer perceberam a razão pela qual os porcos fugiram. Alheios ao seu entorno perderam – e nos fizeram perder – um bom trecho do espetáculo da natureza.